



Percepção e formação do sujeito ambiental: mudanças no paradigma atual

Eduardo Beltrão de Lucena Córdula

Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPB;
Integrante do Grupo de Pesquisas GEPEA da UFPB. E-mail: ecordula@hotmail.com

Resumo

Este artigo vem abordar a questão da percepção do ser humano frente o ambiente que habita, suas relações com as partes e o todo, na ótica da eminência da necessidade da mudança desta percepção sobre si mesmo e o meio ambiente, para o entendimento de que mudanças sutis no sistema educacional vigente, permitirá aos educadores e professores/pesquisadores, a compreensão da complexidade sistêmica das relações entre os componentes planetários da Terra e estagnação dos problemas ambientais, visando a qualidade de vida socioambiental e desenvolvimento sustentável da humanidade.

Palavras chave: Ser Humano; Meio Ambiente; Educação Ambiental.

Abstract

Perception and training of environmental subject: changes in the current paradigm. This article has been addressing the issue of perception of the human being that inhabits the environment front, its relations with all the parties and, in the view of the imminence of the need to change this perception about yourself and the environment, to the understanding that changes subtle in the current educational system, will allow educators and teachers / researchers, understanding the systemic complexity of the relationships between the components of the Earth and planetary stagnation of environmental problems, seeking the quality of life and environmental sustainable development of mankind.

Keywords: Human; Environment; Environmental Education.

Artigo recebido 10 dezembro 2013; aceito para publicação 25 agosto 2014; publicado 27 setembro 2014

Introdução

Perceber o ambiente é uma das atividades constantes do sistema sensorial humano, que a todo momento capta informações do ambiente, incorporando dados a parte psíquica e cognitiva, contribuindo desde a tenra idade, no processo de aprendizagem e percepção de mundo, colocando cada indivíduo e situando-o no mundo em que habita (Morin 2004) (Figura 1).

Uma nova percepção do meio ambiente se faz necessária para a

humanidade, em virtude da forma apática como o ser humano vem tratando as questões ambientais, mesmo ocorrendo mudanças ambientais bruscas na atualidade, como a exemplo da inconstância da ocorrência e intensidade dos fenômenos climáticos, que comprovam a relação direta entre surgimento dos problemas ambientais e a ação antrópica sobre o meio ambiente (Carson 1969; Lovelock 2006; Tanner 1978; Vernier 1994).

Para Paulo Freire (1989, p.11), a leitura que se faz do mundo e de todos os seus signos, símbolos, sinais, códigos e a forma como são interpretados, garantem uma plena formação do ser humano, preparando-o para estar e interagir positivamente na sociedade e com o

ambiente à sua volta, pois, "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente."



Figura 1. Diagrama da sensorial da percepção humana no processo de formação do indivíduo, frente aos estímulos ambientais. Fonte: Eduardo Beltrão de Lucena Córdoba. 2014.



Figura 2. Representação da escala da aprendizagem em proporcionalidade a quantidade de estímulos percebidos do ambiente. Fonte: Eduardo Beltrão de Lucena Córdoba. 2014.

Portanto, quanto mais estímulos o indivíduo tiver ou forem fornecidos a ele, maior será sua aprendizagem e seu desenvolvimento (Figura 2) (Morin 2004). Além do que, permite a interconexão com todos os constituintes físicos, biológicos, sociais, culturais e demais fatores que estão no entorno do ser humano (Capra 1996; Dias 2004), bem como, as interrelações entre a própria espécie, intensamente interagindo de forma direta ou indireta, com os "nexos entre subjetividade, intersubjetividade e objetividade" (Carvalho; Steil 2013).

Nestes processos perceptivos, de formação e desenvolvimento da entidade

humana, de interação entre os sujeitos e com o ambiente, há as perspectivas associacionista e elementarista, além da percepção totalitária articulada com as partes que constituem o todo, formando assim, uma percepção sensorial fenomenológica do global (Cerbone 2012). Esta nova percepção coloca o sujeito como protagonista na transformação de valores e comportamentos frente a interações e sua relação com ambiente que o cerca, com reflexos, portanto, diretamente no meio ambiente, possibilitando assim, a gênese de uma nova identidade para o ser humano: o sujeito ambiental (Dias 1998; Morin 2004).

Aportes Teóricos ao Sujeito Ambiental

A psicologia passa a contribuir fortemente para ampliação da teoria da percepção, alimentada pela Gestalt¹ e, posteriormente, pela psicologia social contemporânea, que foram gradativamente sendo incorporada a Educação Ambiental como elemento delineador no entendimento das relações entre os próprios seres humanos e, deles com o meio ambiente (Carvalho; Steil 2013). Para alcançarem tal entendimento, foi criada a psicologia ambiental sendo um dos marcos as relações “pessoa-ambiente”, para dissolução da dicotomia arraigada da entidade humana com a entidade natural e nas “possibilidades para ação que um objeto ou ambiente fornece” a quem o percebe (*affordance*) (Ibidem, p.63), ou seja, a consciência que o sujeito passa a ter do mundo a sua volta não pode ser dissociada da forma como ele se relaciona com o mesmo. Neste processo, há percepções, relações, consciências individuais e independentes e também coletivas que se sobrepõe e amplificam a teia interpretativa, que alimenta sensorial e psiquicamente a entidade humana do que é visível e invisível (Dias 2004); sendo o primeiro, o que está exposto frente à realidade e o segundo, está além e momentaneamente não pode ser percebido, e sim, projetado, estando entre os estímulos do mundo como um tecido translúcido (Capra 2006).

Neste processo interpretativo, criam-se símbolos semióticos que se materializam no sujeito e na coletividade, daí a essência subjetiva da condição humana, pela qual se operam os processos perceptivos (Pinto 1996; Santaella 1983). Segundo Carvalho e Steil (2013, p.59), o autor Tim Ingold é um dos precursores da percepção ambiental, onde afirmam que “a percepção está relacionada ao mundo vivido e a experiência no seu sentido forte assim como o ambiente será entendido como ambiente-mundo”, estando intimamente conectados. E com a multi-interdisciplinaridade, promovem a

amplificação do entendimento a cerca do potencial perceptivo do ser humano, numa “educação da atenção” (Ibidem, p.65), o que Boff (1999) por sua vez, denomina de saber cuidar para, a fusão entre “corpo e mente, percepção e representação, mente e ambiente, indivíduo e sociedade” (Carvalho; Steil 2013, p.66).

O Papel do Professor/Pesquisador nas Mudanças

A Percepção Ambiental ou Eco percepção (Dias 2004), é uma aprendizagem que deve ser estimulada desde o âmbito da educação básica, que compreende os primeiros anos na formação do futuro cidadão (Morin 2010), papel desempenhado não apenas pelo professor(a), porém, com maior ênfase, pelo professor(a)/pesquisador(a) que é dotado de arcabouço de teórico e metodológico-científico (Moraes 2010) numa profundidade de vivência além do sensorial, e sim, interpretativa do mundo físico, sensorial, estético, mítico e simbólico de quem a percebe (Carvalho; Steil 2013).

Nesta concepção de percepção e da relação sujeito-mundo, imerso neste sistema vívido, coloca a entidade humana como agente ativo no controle do destino do planeta e na tomada de decisões sobre o caminho pela qual a esfera socioambiental está sendo direcionada (Carvalho, Steil 2013). A responsabilidade pelas mudanças ecológicas necessárias na reversão dos graves problemas que a humanidade enfrenta na contemporaneidade, é papel de cada ser humano e da coletividade, a qual só será compreendida e exercida, com uma mudança total de percepção sobre si mesmo e o mundo que o cerca (Córdula 2010).

Adentrando as teorias da percepção, tem-se uma crítica na antropologia clássica que pela sua ideologia funcionalista e reducionista, não atende as necessidades multifacetárias dos processos de percepção do ambiente e da entidade humana, já que tudo está conecto, numa trama sistêmica, onde todos os seres vivos se correlacionam em suas íntimas e intrínsecas relações, com fluxo de matéria e energia por entre eles, adentrando seus corpos materiais e imateriais (cultura), criando uma “sinergia

¹ Gestalt teoria que significa a percepção de uma entidade concreta que possui entre seus vários atributos a forma.

entre eles, mas de situá-los num horizonte aberto às forças vitais que os atravessam” como *mana*² (Carvalho; Steil 2013, p.69). Portanto, cabe a multidisciplinaridade entre psicologia, filosofia, antropologia, sociologia e demais ciências humanas e exatas buscarem a percepção ecológica sistêmica tão almejada para a condição humana neste planeta, indo além do comportamento ambiental (entrelaçamento do sujeito com o meio, produzindo uma conduta que determina seu modo de vida) (Hallowel 1995 apud Carvalho; Steil 2013, p.72).

A semiótica, rompendo barreiras estruturais e materiais que cristalizam a percepção e congelam o entendimento do sujeito sobre si mesmo, sobre os demais organismos e nas relações com o mundo a sua volta, de forma que prevaleça a manter a equivalência entre todos os componentes, na busca de um novo paradigma para a humanidade, aliada aos processos de Educação Ambiental, permitem a transição do ser inconsciente para o ser totalmente consciente e responsável pelas mudanças necessárias a conservação dos recursos naturais, ecossistemas, biomas e da biosfera terrestre (Dias 1998; Lovelock 2006; Boff 1999).

Educação Ambiental: o ponto de partida

A educação contemporânea segundo Moraes (2010) e Morin (2010), precisa ser repensada numa ótica que atenda as necessidades da sociedade emergente, visando o desenvolvimento no educador e no professor(a)/pesquisador(a), de uma visão sistêmica para que estes, consigam formar um cidadão com competências necessárias ao pleno desenvolvimento social, cultural e científico da humanidade. Da mesma forma, Vasconcelos (2010), transcorre sobre a formação sistêmica do ser humano, para que o mesmo possa romper o paradigma cartesiano da ciência, que dicotomiza e fragmenta os saberes e do entendimento de suas partes. Que segundo Morin (2010), só ocorre através de uma

percepção que una os saberes através de suas partes para o entendimento do todo, e assim, conseguirem encontrar uma concepção sistêmica, que permita ao ser humano entender a si mesmo, seu papel neste planeta e a mudar sua ótica social e educacional, transformando a sociedade para alcançar patamares superiores de desenvolvimento - qualidade vida socioambiental e sustentabilidade.

Portanto, a Educação Ambiental é o processo de transformação dos sujeitos desde a tenra idade, devendo estar obrigatoriamente como determina a Lei 9.795/99 (BRASIL 1999), em estar inserida no âmbito escolar, para sensibilizar o educando e transformá-lo em um Ecocidadão capaz de buscar e manter o estado de equilíbrio na biosfera nas futuras gerações (Dias 1998; 2004). E, seu significado no processo de mudança de percepção, para a percepção ambiental, é educar para um ambiente mais saudável, ou seja, equilibrado com qualidade de vida e processos de desenvolvimento sustentável (Córdula 2010; Dias 1998).

A pesar de outras definições conforme as linhas e abordagens que seguem (conservacionista, preservacionista, afetiva, corporeidade, etc.) (Costa 2001; Sato 2001), sua complexidade não percebida pela maioria dos que a fazem dela arcabouço de intervenção perante o ser humano, e que buscam resultados imediatos, o que não ocorrem por não se tratar de um "experimento controlado" e sim, de vidas que evoluem, mudam, transmutam continuamente, num processo de inserção de uma nova forma de abordagem de temas (Rohde 2005), principalmente na educação formal e não formal, para mudar percepções de indivíduos ao longo do tempo, em processos de reeducação e reencantamento para que surja gradativamente novos saberes e com eles nova consciência (Córdula; Nascimento 2012) (Figura 3).

² Mana = energia que emana dos organismos, pois “as coisas são vivas e não à vida está nas coisas” (CARVALHO; STEIL, 2013, p.69-70).



Figura 3 - Processo de atuação da Educação Ambiental na transformação da percepção do ser humano, para um novo paradigma socioambiental **Fonte:** Eduardo Beltrão de Lucena Córdula, 2014.

Portanto, tentar definir uma abordagem que está em constante fluidez, é desejar moldar conceitualmente uma práxis que é continuamente mutável. Porém, pode-se elencar elementos para a compreensão de sua complexidade, numa forma epistemológica guia:

O encontro real da fusão entre a razão e a emoção, não distante da educação formal, ensinado a criança a usar sua criatividade e a pensar no amanhã, de forma crítica para que se tornem cidadãos conscientes, defensores de seus direitos e cumpridores dos seus deveres para com a vida, a sociedade e a família (Córdula 2010, p.11).

Considerações Finais

O paradigma socioambiental da sociedade contemporânea, com os diversos problemas ambientais, tem início pela ausência de uma percepção do ser humano sobre si mesmo, a sociedade e o meio

ambiente. Ao longo do tempo, estes se agravaram e mudanças se fizeram emergente.

A antropologia e a psicologia vêm contribuindo desde o século passado com estudos alertando sobre as mudanças na forma como as entidades humanas percebem o mundo a sua volta, para que mudanças ocorram no sistema educação, incorporando a formação dos docentes - educadores(as) e professores(as)/pesquisadores(as) - para uma visão sistêmica da realidade e das relações intrínsecas entre fatores bióticos e abióticos que possibilitam a vida neste planeta.

Com estas mudanças profundas nas bases de sustentação da sociedade contemporânea, através da Educação Ambiental no sistema de ensino formal e não formal, visando a transformação do ser humano para uma formação do sujeito ambiental, a sociedade poderá alcançar o desenvolvimento sustentável e qualidade socioambiental.

Referências

- BOFF, L. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra.** 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 199p., 1999.
- BRASIL. **Lei 9.795 de 27 de abril de 1999** - Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, DF: MEC, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em: 30 ago. 2014.
- CARSON, R. **Primavera Silenciosa.** 2ª ed. Tradução de Raul de Polillo. São Paulo: Melhoramentos, 304p., 1969.
- CAPRA, F. **A Teia da Vida.** Tradução de Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 255p., 1996.
- _____. **O Ponto de Mutação.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 445p., 2006.
- CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, Volume Especial, mar.2013, FURG, Rio Grande-PR, p.59-79.
- CERBONE, D. R. **Fenomenologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CÓRDULA, E. B. L. **Educação Ambiental na Escola.** Cabedelo, PB: EBLC, 2010.
- CÓRDULA, E. B. L.; NASCIMENTO, G. C. C. A Hermenêutica da Educação Ambiental e o Paradoxo da Sustentabilidade. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 8, n. 8, set.-dez./2012a, p.1573-1580.
- _____; _____. Modismos em Educação Ambiental. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, n. 41, 2012b. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/meioambiente/0035.html>>. Acesso em: 23 out. 2012.
- COSTA, A. F. C. Formação de professores para inclusão da Educação Ambiental no Ensino Fundamental. In: BRASIL. **Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental.** Brasília, DF: MEC/SEF, 2001, p. 83-87.
- DIAS, G. F. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas.** 5ª ed. São Paulo: Gaia, 1998.
- _____. **Ecopercepção: um resumo didático dos desafios socioambientais.** São Paulo: Gaia, 2004.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- LOVELOCK, J. **A Vingança de Gaia.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente.** Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** 9ª ed. São Paulo: Cortez / Brasília: UNESCO, 2004.
- _____. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- PINTO, J. Semiótica e Informação. **Perspectiva e Ciências Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1., jan./jun. 1996, p. 87-92.
- ROHDE, G. M. **Epistemologia Ambiental: uma abordagem filosófico-científica sobre a efetuação humana alopoiética da Terra e de seus arredores planetários.** 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- SANTAELLA, L. **O que é Semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SATO, M. Formação em Educação Ambiental – da escola à comunidade. In: BRASIL. **Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental.** Brasília, DF: MEC/SEF, 2001, p. 07-15.
- TANNER, R. T. **Educação Ambiental.** São Paulo: Summus e EDUSP, 1978.
- VASCONCELLOS, Maria José Estevão. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência.** Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- VERNIER, J. **O Meio Ambiente.** 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.